

Entre tradição e cibernética: a representação da cultura cigana na ficção contemporânea “Explode Coração”

Brigitte Grossmann Cairus¹

Resumo: Quando a telenovela Explode Coração foi lançada pela Rede Globo em 1995, explorando o tema do fenômeno “futurista” da internet no Brasil e tendo como pano de fundo uma comunidade cigana tradicional no Rio de Janeiro, a audiência ficou perplexa. Naquela época, a maioria dos brasileiros não tinha ainda acesso a computadores, internet e muito menos conhecimento a respeito dos ciganos. Apesar deste fato, a novela foi um enorme sucesso, e desencadeou não somente um maior interesse a respeito da internet como um forte interesse pela cultura cigana.

Esse trabalho analisa a cultura cigana abordada na obra de ficção de “Explode Coração” que combina um contexto futurista com a tradição cigana em contraste com a narrativa da líder cigana Mirian Stanescon em entrevistas concedidas em 2007. Seguindo o modelo metodológico de Luisa Passerini irei interpretar a subjetividade do depoimento de Mirian Stanescon como fenômeno histórico e analisar os conteúdos culturais e de identidade a partir do viés teórico de Michael Jackson, no intuito de “fazer justiça à complexidade da experiência pessoal”. Ambos os autores observam que a relevância da memória não está na eventual consistência real ou na veracidade dos fatos, mas na força das experiências e dos significados vividos e lembrados, e em como estes foram importantes para a reconstituição da história do indivíduo e de sua coletividade no tempo presente.

Palavras-chave: ciganos, memória, representação cultural.

Introdução

Júlio Falcão: “Que noite Tadeu, que noite! Todas as coisas aconteceram! Até uma cigana apareceu, chorando neste computador!”

Tadeu: Uma cigana?

JF: Uma cigana brasileira. Ela pensou que estava conversando com alguém no Japão, e ficou me contando por horas os seus problemas. Ela não quer se casar, mas está obrigada, e acredita em amor verdadeiro...

T: Nossa, que estória!

JF: Ela quer encontrar seu grande amor... tem apenas vinte anos! E eu aqui envolvido em problemas reais, tendo de escutar toda esta bobagem.

T: Ah, quem iria acreditar nisso! Você, dando conselhos românticos a uma cigana brasileira! Essa máquina é mesmo diabólica!

JF: Eu senti isso mesmo Tadeu: O que a realidade separa, esta tela une.” (Dennis Carvalho, “Explode Coração,” ed. Gloria Perez, Rede Globo, 1995).

¹ Doutoranda em História pelo Programa de Pós Graduação em História, Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC, Bolsista do PROMOP FAED UDESC. cairusb@gmail.com.

A novela “Explode Coração”, cuja estreia ocorreu em novembro de 1995 pela Rede Globo, foi um sucesso de audiência e ficou marcada pela perplexidade do público frente a inusitada combinação temática da obra. Ao explorar temas sociais, tecnológicos e culturais inéditos como o drama das crianças desaparecidas, o início do uso da internet no país e o exotismo do universo cigano brasileiro a novela não somente problematizou a nação brasileira moderna frente a nova tecnologia mas também revelou as intimidades de uma minoria étnica relativamente invisível e desconhecida. Naquela época a maioria dos brasileiros não tinha ainda acesso nem conhecimento a respeito de computadores, internet, e muito menos conhecimento a respeito do universo privado dos ciganos. Apesar de todo este desconhecimento, a novela foi um enorme sucesso e desencadeou um forte interesse e modismo coletivo pela cultura, dança, música e mística ciganas.

Segundo Esther Hamburger, a partir dos anos 70 o vasto espaço simbólico das novelas brasileiras delineado através da linguagem coloquial, dos cenários urbanos e das referências ao mundo público e privado, apresenta e representa uma conjuntura contemporânea situada no âmbito da nação da qual os espectadores são participantes e consumidores. Principalmente após a década de 90, as novelas se diversificam e constantemente renovam as imagens do cotidiano de um Brasil que se pós-moderniza. Segundo a autora, essa tendência foi observada na *Explode Coração* não somente através do consumo da moda cigana como pela promoção da globalização e uso da Internet pelos protagonistas (HAMBURGUER, 1998). Outros autores também identificam nesta obra a tendência dos novos temas sociais e tecnológicos das novelas brasileiras nesta década, mas a relação entre a construção da identidade étnica cigana e a modernidade, num contexto futurista e como tema central da novela, não foram obstante explorados pela historiografia.

Através de depoimentos orais de ciganos étnicos e através da análise da narrativa da novela *Explode Coração* como fontes históricas, o foco principal deste trabalho é o de identificar, analisar e comparar a construção da representação e da temporalidade cigana real e imaginária, como herança preciosa de um passado distante e como um presente futurista capaz de reacender a “magia” do exotismo cultural cigano no tempo presente.

Para melhor situar a relevância da questão histórica dos ciganos no Brasil e da brasilidade cigana, é importante enfatizar sua presença desde os primórdios da colonização,

no período do seiscentos². Dos grupos que migraram para o Brasil, destacam-se os chamados calões e roms. Os primeiros, fixados na Península Ibérica, migraram para o Brasil juntamente com os primeiros colonos portugueses e ao longo do período colonial (COSTA, 1997). Os roms, por sua vez, provenientes da Europa Oriental, chegaram ao Brasil no bojo do movimento imigratório que se estendeu entre o período pós-abolição e a Segunda Guerra Mundial. Vítimas do nazismo na Europa, migraram também como refugiados e, assim como os judeus, eram percebidos pelo governo de Getúlio Vargas como imigrantes perigosos e indesejáveis (CAIRUS, 2008).

Dentre os subgrupos étnicos dos rom, destacam-se no Brasil os Kalderache, os Machuaia e os Horaxane.³ Os ciganos brasileiros continuam a se identificar como um povo distinto e a basear a identidade étnica em suas várias línguas próprias (romanes e calão), em laços étnicos de clã presentes dentro e fora do Brasil, em valores, costumes, mitos e símbolos. Alguns grupos, especialmente dentre os calões, continuam a preservar o nomadismo, enquanto que o roms tendem a praticar o sedentarismo e o seminomadismo.

Apesar de constituir um importante elo no tecido étnico nacional, a história da imigração passada e recente, a de sua presença e a da contribuição intercultural⁴ dos povos ciganos na brasilidade permanecem praticamente ignoradas. Mais de um século após Mello de Moraes Filho ter observado um vácuo acadêmico ou de "atenção científica" em relação aos ciganos, o montante historiográfico no assunto continua pobre e ralo.⁵ Décadas após os afro-brasileiros e indígenas terem conquistado seu espaço nacional, os ciganos brasileiros foram finalmente reconhecidos como uma importante minoria multicultural após a inclusão histórica de ciganos, nômades e sedentários no Programa Nacional de Direitos Humanos de 2002, por Fernando Henrique Cardoso e após Luís Inácio Lula da Silva ter instituído o Dia Nacional do

² A primeira documentação encontrada a respeito da expulsão de ciganos de Portugal para o Brasil cita João de Torres e sua família, com data de 1574. O texto completo deste alvará pode ser encontrado na obra *Os ciganos de Portugal*, de Adolfo Coelho (1995).

³ Subgrupos étnicos ciganos são nomeados geralmente de acordo com suas línguas e dialetos, profissão e região de origem. Os Kalderasch, ou *Caldeireiros*, por exemplo, eram originalmente artesãos de metal, enquanto os calões falam o calão. Grupos e subgrupos disputam entre si a guarda da "verdadeira" identidade cigana

⁴ "O termo *interculturalidade* se define como uma tentativa de denominar processos na sociedade nos quais pessoas com línguas e culturas diferentes se comunicam. Este termo se usa cada vez mais em estudos e projetos que visam a uma integração dinâmica entre diferentes grupos. Uma percepção intercultural sempre favorecerá o entendimento e tolerância entre diferentes grupos culturais." (<http://www.metoder.nu/cgi-bin/met.cgi?d=s&w=2008&l=pt&s=mt>).

⁵ A maior parte da produção acadêmica sobre os ciganos foi produzida, a partir da década de 1980, por antropólogos e sociólogos, e são pouquíssimos os trabalhos em História. O debate historiográfico é também quase inexistente.

Cigano, em 2006.⁶ Os ciganos brasileiros certamente gozam de liberdade e de um *status* de cidadania melhor que os da Europa, onde os “roma” estão constantemente sofrendo perseguições e expulsões, como na Itália e França, cujos governos continuam a aplicar legislações xenofóbicas contra eles. Mesmo contando com boa vontade política, os ciganos brasileiros continuam a ser discriminados e tratados como párias, vítimas de uma dicotomia social de visibilidade e invisibilidade.

Os ciganos de Explode Coração

Segundo relato de Gloria Perez, autora da novela no Memória Globo, dois fatores serviram de inspiração primeira na criação da trama. O primeiro teria sido sua própria experiência com a nova tecnologia BBS, precursora da internet, ao verificar que esta abria portas para encontros inusitados no espaço cibernético. O segundo teria sido a constatação de um “choque cultural” com a ciganidade brasileira, que aparece a uma primeira vista estar estagnada no tempo. A criação da trama principal deu-se então, segundo a autora, entre a polarização temática entre o novo e o antigo, simbolizada pelos protagonistas principais: o industrial, moderno e poderoso Julio Cezar Falcao (interpretado por Edson Celulari) e a jovem, bela e virgem cigana Dara Sbrano (interpretada por Tereza Seiblitiz). Dara, apesar de ter sido a princípio submissa aos valores tradicionais ciganos transforma-se ao longo da novela numa cigana moderna através da intercessão cibernética e do amor por Julio.

A luz de seus 20 anos, Dara vivia com sua família num apartamento de luxo em frente ao mar de Copacabana no Rio de Janeiro. Apesar do sobrenome “típico rom”, Dara era natural de Sevilla, Espanha e não era igual as outras ciganas de sua comunidade; tinha sonhos de frequentar a universidade, escolher seu próprio marido e era extremamente habil com a nova parafernália caseira, sendo capaz de se comunicar pela internet com pessoas de todo o mundo. Durante uma destas conversações eletrônicas, Dara conectou-se “por acaso” com o brasileiro Júlio Falcão, um homem de negócios bem sucedido que estava no Japão no momento em que Dara o encontrou virtualmente. No decorrer da longa estória, os dois acabam por encontrar-se no Rio de Janeiro e ter um relacionamento amoroso, indo contra a moral e os princípios da família cigana de Dara.

⁶ O Dia do Índio foi criado por Getúlio Vargas em 1943; e apesar de ter sido oficializado somente em 2003, o Dia da Consciência Negra tem sido celebrado desde 1960.

Como geralmente acontece em novelas cujo tema principal explora o mundo tradicional e privado de famílias de minorias étnicas brasileiras, (como a novela “O Clone”, que retratou famílias muçulmanas arabe-brasileiras), boa parte da comunidade cigana não ficou satisfeita com a maneira pela qual seus valores morais haviam sido deturpados pela direção da obra televisiva. Mas uma pessoa em especial ficou extremamente aborrecida com o desfecho do drama romântico. Apesar de ter a princípio se prontificado a contribuir com sua própria biografia como fonte inspiradora para a criação do papel principal da novela, a líder cigana Romi Mirian Stanescon ficou furiosa quando a escritora e criadora Glória Perez adaptou sua biografia colocando em risco a honra de Dara, que segundo a tradição cigana deveria ter mantido sua virgindade intacta até a noite de nupcias. A ação legal de Mirian Stanescon contra Glória Perez em forma de limiar contra a Rede Globo foram anunciadas pela mídia em 1996, revelando a forte agência da líder cigana.

Meu encontro com Mirian, a Rainha Cigana

Meu primeiro encontro com Mirian deu-se no inverno de 2007 em seu apartamento em Copacabana, Rio de Janeiro. Ela me recebeu muito bem, e ficamos por horas falando de nossas trajetórias pessoais. Um dos primeiros assuntos trazidos à tona pela própria Mirian foi a respeito de seu papel como inspiradora do papel principal da novela *Explode Coração* e de sua decepção sofrida com o desfecho da trama após os depoimentos biográficos. Eu expliquei a ela a natureza acadêmica de meu trabalho, meu respeito à etnicidade e cultura ciganas e dei minha palavra que não iria deturpar seu relato pessoal. Ao mesmo tempo, eu estava ciente da dificuldade em conduzir pesquisa oral com ciganos. Por razões históricas, eles tendem a ser bastante desconfiados de pesquisadores e jornalistas e geralmente não têm muita motivação em relatar questões ligadas às suas vidas e tradições, principalmente com os gadjes, os não-ciganos, por considerá-los impuros e ignorantes. Mas felizmente, este não foi o caso de Mirian, conhecida como uma das principais líderes nacionais dos ciganos na luta pelos direitos de cidadania de sua minoria em Brasília, integrante do Conselho Nacional da Seppir (Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial) e delegada da Comissão de Direitos Humanos da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil). A foto dela com o Presidente Luís Inácio “Lula” da Silva, tirada durante as festividades do primeiro Dia Nacional do Cigano em Brasília em maio de 2007, recebia, emoldurada, um lugar de destaque em sua sala de estar, e servia como reflexo e aviso de seu poder e influência política. Após termos

desenvolvido uma confiança mútua, ela voluntariamente concordou em dividir sua estória pessoal comigo. Por ser uma figura pública com interesse em promover-se a si e a minoria que representa, ela aceitou em dividir seu nome e identidade:

Meu nome é Mirian Stanescon Batuli, neta de Yordana Stanescon e filha de Lhuba Stanescon e Alberto Batuli. Eu sou uma cigana Kalderache, eu pertencço ao cla Kalderache, que chegou ao Brasil por volta de 1900, nos formamos um núcleo grande aqui no Rio de Janeiro. E até hoje ainda temos a nossa primeira casa de tijolos que foi feita pelo meu avô em Nova Iguaçu, juntamente com a casa de minha mãe onde eu pretendo instalar a sede da Fundação Santa Sara para apoiar os direitos dos ciganos e os direitos de qualquer minoria que sofre qualquer tipo de opressão. Eu nasci em 1947 em Olaria, Rio de Janeiro, e meu nome cigano é Rorarni, e meu nome em português é Mirian. (...)

Quando eu era criança nós éramos nômades e vivíamos em acampamentos na Baixada Fluminense, primeiro em Catumbi, depois em Anchieta, depois em Olinda, Nilópolis, Mesquita e finalmente em Nova Iguaçu onde estamos até hoje.

Durante a Segunda Guerra Mundial, quando os ciganos migraram para o Brasil como refugiados, e quando chegavam no Rio de Janeiro, eles sempre procuravam meu avô. Ele sempre os ajudou a comprar tendas e sempre emprestou dinheiro para que pudessem comprar alumínio e cobre, para que eles pudessem fazer painéis para vender para a Marinha, Exército e Aeronáutica. Assim foi como ele se tornou o líder cigano aqui no Brasil. Seu nome era Kako Rista e sua mulher a Bibi Yordana. Seu nome não é apenas conhecido aqui entre os ciganos brasileiros, mas na Europa também.

Meu avô também costumava enviar dinheiro para fora, para pagar as passagens dos ciganos refugiados para o Brasil, perseguidos pelo nazismo. Porque como você sabe, o Brasil sempre foi uma nação pacífica, e entre vários países, incluindo os da Europa, o Brasil sempre foi um país onde os ciganos foram menos maltratados, um lugar onde eles encontram mais liberdade, até mesmo mais do que outros lugares na América Latina. Porque o Brasil é o Coração do mundo, não é? Em termos de solidariedade, de amor, o povo brasileiro sempre foi solícito.

Os ciganos de hoje não têm mais aquela experiência amorosa do acampamento, onde todos permaneciam juntos, onde os mais velhos passavam as tradições para os outros. Na verdade, a motivação para que escrevesse meu livro *Lila Romai - Cartas Ciganas* (STANESCON, 2007) foi justamente o medo de perder nossa tradição. Se você olhar com cuidado, verá que o livro não tem a bibliografia. Na verdade tudo que escrevi aprendi com minha gente.

Eu tenho muitas memórias da minha vida no acampamento, de entrar (quando pequena) nas enormes painéis de cobre e de as limpar com limão; eu me lembro de meu avô tocando o

acordeao, ele foi na verdade a inspiração do CD *Raizes Ciganas* que produzi para resgatar a tradição musical cigana para a nova geração. Eu queria resgatar o amor pelo violino e pelo acordeão, que foram sempre ligados à imagem do cigano.

Segundo Peter M. Beattie, “a biografia é uma fonte rica para os historiadores que desejam analisar as tensões entre identidade individual e ação para explorar a relação destes com a comunidade e o mundo material (BEATTIE, 2004).” A análise das experiências de vida, valores e memórias, somados à maneira pela qual os entrevistados escolhem construir sua própria narrativa, enriquecem as perspectivas do historiador do tempo presente. Os depoimentos orais podem assim ser usados na compreensão da relação entre pessoas, objetos, ideias abstratas e ideologias (JACKSON, 2009). Neste sentido, o depoimento de Mirian torna-se marcante pela maneira pela qual relata, em camadas, noções próprias de identidade, história de migração, família, cultura e cidadania (PASSERINI, 2011). Mirian expressou através de suas palavras o valor de sua identidade como uma cigana Kalderache brasileira. De acordo com os valores ciganos a importância da família continua sendo central para os indivíduos, sendo o “foco principal dos amores e afeições” (GAY Y BLASCO, 1999). Geralmente há entre os ciganos, como maneira de identificação pessoal no grupo, uma ênfase forte nas relações patrilineares e na descendência (*vitsa*). No caso de Mirian, apesar dela mostrar muito respeito e carinho pelo seu pai Alberto Batuli (aparentemente um não cigano de origem libanesa), ela tende a enfatizar sua vertente matrilinear através de sua mãe Lhuba Stanescon, uma senhora cigana de muito prestígio em sua comunidade. Lhuba, assim como Mirian, foi uma famosa guia espiritual e cartomante de muitos ciganos e gadjés (não-ciganos) no Rio de Janeiro tendo entre seus clientes notórios o próprio Presidente Juscelino Kubitschek, conhecido nas comunidades ciganas como o “presidente cigano”. Lhuba foi responsável pela educação formal de Mirian e pela conquista de seu diploma de graduação em direito em 1973 pela Universidade Gama Filho. Ela também teve um papel importante no casamento de Mirian com o não-cigano Fernando em 1980, por acreditar que um cigano real não concordaria em casar-se com uma esposa cigana profissional e emancipada. Sua mãe também ensinou Fernando todos os “requisitos tradicionais” para que ele pudesse ser aceito e abençoado pela comunidade.

Migração Rom para o Brasil

Ciganos da Europa Oriental, também conhecidos como “rom” ou “roma”, estão presentes no Brasil desde a metade do século 19 e continuam a migrar para este país no século 21 (IZIDORO, 2000). Estes ciganos migraram de diferentes regiões da Europa; geralmente tinham, coletiva ou individualmente, mais de uma nacionalidade, havendo, entre eles, italianos, tchecos, romenos, húngaros, russos e gregos.⁷ De acordo com Teixeira (2007), a maior parte dos ciganos da Europa Oriental migraram para o Brasil no final do século 19, juntamente com a primeira grande onda migratória de italianos, alemães, poloneses, russos, japoneses e gregos. A segunda onda migratória de europeus, incluindo ciganos, ocorreu antes e ao longo da Era Vargas e da Segunda Guerra Mundial, um período decisivo, marcado pela industrialização e pela construção de uma nova identidade brasileira, que iria abranger os recém-chegados.

Quando Mirian revelou as origens de seu clã e a liderança cigana de seu avô, ela enfatizou, com suas próprias palavras, a primeira onda migratória de Roms do Leste Europeu ao Brasil no século XIX e a segunda onda migratória que se deu antes da Segunda Guerra Mundial. Segundo o Machuaia Rom Horacio Jovanovic, um outro líder cigano que concedeu entrevista na mesma época, a primeira onda migratória de Roms ocorreu não somente para o sul, mas também para outros lugares da América, como os Estados Unidos, Canadá e Argentina. Os ciganólogos Matt Salo e Sheila Salo explicam que estes ciganos:

pertencem ao grande grupo linguístico Vlach e se auto denominam Rom, mas também se auto denominam por outros sub-grupos. (...) Eles são descendentes da segunda onda migratória de ciganos que fugiram para o Leste Europeu após a abolição da escravidão na Moldávia e Wallachia na metade do século dezenove. Os Kalderache provavelmente viveram na região Banat entre a fronteira da Romênia e Iugoslávia. (SALO, 1977, p. 2)

A primeira migração rom para o Brasil coincide com o período de abolição da escravidão em 1888 e a migração de trabalhadores Italianos. A segunda migração ocorreu nos anos 1930 durante a Era Vargas, quando o Brasil recebeu grande número de europeus e japoneses em virtude da crescente industrialização e urbanização. A depressão e o nazismo, como apontado por Mirian, foram motivadores deste fenômeno migratório. Tanto os ciganos

⁷Não raramente, o cigano possui mais de uma identidade. Victor Vishnevsky (2006), por exemplo, nasceu em Shangai em 1931; identifica-se, etnicamente, como um cigano russo Lovara; possui cidadania iraniana e reside no Brasil desde 1960.

rom, quanto os judeus, ambos fugindo da perseguição que sofriam, eram tidos como imigrantes indesejáveis diante da política migratória da época.

“O Brasil é o coração do mundo”: Ciganidade e Brasilidade

Apesar dos ciganos Calons, oriundos da Península Ibérica, terem desembarcado no Brasil-colônia juntamente com os portugueses e escravos africanos, e dos ciganos Rom, do Leste Europeu, terem chegado com outros imigrantes europeus, japoneses e gregos após a abolição da escravatura e de terem ultrapassado em número algumas minorias, como a dos indígenas, os ciganos nunca foram reconhecidos propriamente como uma minoria importante no Brasil.

Nem por isso, contudo, se tornaram de todo invisíveis. Ao mesmo tempo em que o ser exótico repele, atrai: assim, os ciganos mantiveram no imaginário cultural brasileiro uma aura atraente de exotismo e misticismo presentes na literatura, em novelas, carnaval e até mesmo em manifestações de cunho religioso, como no espiritismo e na umbanda. Nas manifestações culturais de *ciganidade* à moda brasileira, o exotismo do cigano “oriental-brasileiro” confundiu-se com o exotismo idealizado e desejado do ser “árabe-português-moçárabe-tupi-brasileiro” (LESSER 2001, p. 90), criando uma imagem cigano-brasileira própria, a qual, por sua vez, permite muitas identidades imaginadas.

Para a maioria dos brasileiros, a percepção do cigano “real” é, na verdade, bastante confusa e provoca medo. Quem nunca escutou a tese de que todo cigano “de verdade” rouba crianças e assalta pelas costas? Por seu apreço pela liberdade e eventual nomadismo (a maior parte dos ciganos hoje no Brasil e no mundo é sedentária), o cigano étnico é geralmente visto como um transgressor social e um ser não-confiável.

Iconograficamente, o cigano brasileiro costuma ser representado por imagens fixas, de estética ibérica. Isso explicaria o fato das famílias ciganas de *Explode Coração*, apesar de seus sobrenomes “rom” como Sbano e Nicolich, terem uma suposta origem espanhola. Tais imagens, apesar de justas em algumas referências à cultura material cigana, pecam pelo exagero do estereótipo. Ao contrário do que prega esta imagem estática e apesar de terem características culturais próprias (mas não-homogêneas), como língua, vestimenta e valores morais, os ciganos não formam um grupo fenótipo coeso no Brasil. Se, em teoria, foram e são geralmente categorizados como raça escura (por terem, em tese, origem no nordeste indiano), na prática, pela miscigenação ocorrida ao longo dos 15 séculos em diáspora(s), seria

impossível circunscrever dentro de uma categoria de cor específica, podendo ser vistos como brancos, negros ou morenos. O fato de eles, no Brasil, serem geralmente vistos e se auto identificarem como membros de uma raça separada se explica no sentido brasileiro do conceito, que percebe “raça” como uma categoria fluida, que incluiria graus de cor e etnicidade, combinadas de acordo com circunstâncias sociais, políticas e culturais distintas (SANSONE, 2003). Diferentemente dos negros, que no Brasil tendem a construir sua identidade mais voltada à cor que à etnicidade, os ciganos tendem a construir sua identidade em torno dos valores étnicos e símbolos próprios de cada subgrupo, não da cor.

Em comparação a outras minorias, a negociação da brasilidade por parte dos ciganos começou de modo tardio no final do século XX. Marcos importantes desta empreitada foram a construção do primeiro Centro Cultural Cigano do Rio de Janeiro e a influência da comunidade cigana carioca junto à criação e à direção da própria novela *Explode Coração*. Um outro fator importante foi a consciência da política étnica que se fortaleceu globalmente sobretudo a partir de 1990, especialmente na Europa.

Apesar de uma aparente visibilidade tardia dos ciganos brasileiros, observamos não somente como estes se adaptaram à cultura brasileira, mas como também a influenciaram. Os ciganos não estão somente presentes em novelas, mas também na literatura, no Carnaval, e até em práticas religiosas, incluindo Espiritismo e Umbanda.

A presença de espíritos ou entidades ciganas na Falange do Povo do Oriente da Umbanda e em outras vertentes do Espiritismo, faz com que seus praticantes, em sua maioria não-ciganos étnicos vistam-se como ciganos durante as celebrações com saias compridas, coletes, lenços de seda e muita bijuteria. Em seus lares eles mantêm altares dedicados a Santa Sara Kali (a Santa cigana) e outros objetos de cunho devocional aos espíritos ciganos como tacas de cristal, punhais e incenso cigano. Estes brasileiros “ciganos de coração” criam para si uma segunda identidade incorporando de maneira intercultural símbolos e cultura material cigana, demonstrando como a ciganidade pode ser positivamente percebida como parte vital da cultura brasileira.

Estes ciganos espirituais ou imaginários estão também presentes em outras festividades de cunho espiritual e cultural como a Corrente Da Paz de Santa Sara Kali que acontece todo dia 24 do mês no Parque Garota de Ipanema no Arpoador, Rio de Janeiro, organizado pela polivalente cigana Mirian Stanescon. Mirian não é somente responsável por organizar toda a logística da festividade, mas por liderar todo o programa que inclui a divisão do sagrado pão cigano regado a vinho, orações, música e dança ciganas. Nesta festividade em

honra a Santa Sara Kali, uma das santas mais populares no mundo inteiro, ciganos “reais” e imaginários encontram-se para venerar a santa, dançar, brincar, construindo juntos uma identidade que mistura elementos ciganos e brasileiros sob as bênçãos de sua guia espiritual, a Romi Mirian Stanescon.

Conclusão

O mundo cultural e moral cigano representado em *Explode Coração* foi construído a partir de informações que a autora Gloria Perez obteve dos próprios ciganos Rom do Rio de Janeiro, com ênfase no depoimento da Romi Mirian Stanescon. Como obra televisiva de livre criação, a trama não seguiu um script fiel aos depoimentos, e apesar dos percalços jurídicos de Mirian e do vácuo histórico da obra, a novela foi um sucesso enorme de audiência.

Os primeiros capítulos da novela retratam as origens das famílias ciganas Sbano e Nicolich em seus acampamentos na Espanha, antes destas migrarem para o Brasil. Flashes deste passado representado como arcaico e romântico, regado a fogueira, violino e dança cigana, pespontam durante toda trajetória dos capítulos. No Rio de Janeiro, duas décadas depois, as famílias perdem seu habito nômade mas mantem sua identidade e seus costumes, e enriquecem consideravelmente. Das tendas, migram para os apartamentos de luxo em Copacabana. A jovem Dara também passa por drásticas transformações. Ao longo da novela ela amadurece, se apaixona, e sob a energia cibernética transforma-se numa cigana moderna, dona de seu próprio tempo.

Mirian também retrata, em seu depoimento oral, seu passado humilde sob as tendas nos acampamentos na Baixada Fluminense. Lembra com nostalgia das belezas singelas de seu universo nômade, das músicas, da união de seu clã. Fala com orgulho de suas conquistas acadêmicas, profissionais, políticas e de gênero. Teme que o precioso valor de sua cultura desvaneça no mundo contemporâneo, onde os jovens já não respeitam a sabedoria dos mais velhos, como antigamente. Tem consciência de um passado histórico de seu clã e o representa como parte integrante do futuro (RIOUX, 1999). Cria e lidera iniciativas culturais e se envolve em projetos políticos em pro de sua identidade cigana brasileira. Negocia seu espaço social e recria aspectos culturais e espirituais sob a égide de uma estética cigana exótica que se assemelha a da novela “*Explode Coração*”.

A temporalidade e a culturalidade cigana representada tanto pela novela como pelo relato biográfico de Mirian se entrelaçam. Apesar de dados distintos, seguem uma

periodização baseada num passado idílico e num presente perigoso, onde a memória e a honra devem ser mantidas a todo custo (Koselleck, 2011). O real e imaginário se confundem, e um nutre o outro. Duas décadas após o lançamento de *Explode Coração*, a morena cigana da abertura da novela, de vestido vermelho, que se transportava de um passado imaginado na tela para um presente real e cibernético, reaparece como miragem na *Corrente de Paz* de Santa Sara Kali no Arpoador, reafirmando através de sua dança sua agência identitária intercultural no Tempo Presente.

Referências

BEATTIE, Peter M. **The Human Tradition in Modern Brazil**. Wilmington: Scholarly Resources, 2004, p.15.

CAIRUS, Brigitte Grossmann. Dia do Cigano: Immigration and Identity among Gypsies of Southern Brazil, 1936-2007. In: **Canada and the Americas, Multidisciplinary Perspectives on Transculturality**. Toronto: Antares, 2008. p. 95-102.

CARVALHO, Dennis. **Explode Coração**. ed. Gloria Perez, Rede Globo, 1995.

COSTA, Elisa Maria Lopes da. **O Povo Cigano entre Portugal e Terras de Além-Mar: Séculos XVI-XIX**. Lisboa: Grupo de Trabalho do Ministério da Educação para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997.

GAY Y BLASCO, Paloma. **Gypsies in Madrid: Sex, Gender and the Performance of Identity**. New York: Berg, 1999, p. 144.

HAMBURGUER, Esther. Diluindo fronteiras: a televisão e as novelas no cotidiano. In: NOVAIS, Fernando A. e SCHWARCZ, Lilia Moritz (org.). **Historia da Vida Privada no Brasil IV**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 467.

IZIDORO, Alencar. Romenos: Refugiados desistem de pedir asilo em São Paulo. **Folha de São Paulo. São Paulo, 21 de agosto, 2000**.

JACKSON, Michael. **The Palm at the End of the Mind: Relatedness, Religiosity, and the Real**. Durham: Duke University Press, 2009.

KOSELLECK, Reinhart. **Futuro Passado: Contribuição a semântica dos tempos históricos**. Rio De Janeiro: Editora PUC, 2011.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2001, p.90.

MOONEN, Frans. A História Esquecida dos Ciganos no Brasil. In: **Saeculum**, Paraíba, 2 (1996).

PASSERINI, Luisa. **A Memória Entre Política e Emoção**. São Paulo: Letra e Voz, 2011.

PEREZ, Gloria. **Memória Globo**. Explode Coração.

<http://memoriaglobo.globo.com/programas/entretenimento/novelas/explode-Coração/ficha-tecnica.htm>

RIOUX, Jean-Pierre. Pode-se fazer uma história do presente? In: CHAVEAU, Agnes; TETART, Philippe. (Org.). *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999. P.49.

SALO, Matt e SALO, Sheila. **The Kalderas in Eastern Canada**. Ottawa: National Museums of Canada, 1977, p. 2.

SANSONE, Livio. **Blackness without Ethnicity: Constructing Race in Brazil**, 1st ed. (New York: Palgrave MacMillan, 2003), 2-6.

STANESCON, Mirian. **Lila Romai - Cartas Ciganas: O Verdadeiro Oráculo Cigano**. São Paulo: Smart Vídeos Editora, 2007.

VELOSO, Marcela. **Que Louca**. Cruzada Pela Paz Mundial

<http://quelouca.wordpress.com/2011/05/19/xiii-cruzada-pela-paz-mundial/>

VISCHNEVSKY, Victor. **Memórias de um Cigano**. São Paulo: Duna Dueto Editora, 1999.